

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

MARIA EDUARDA OSORIO MACEDO

**UM ESTUDO SOBRE “CONTOS GAUCHESCOS”, DE JOÃO SIMÕES LOPES NETO, E SUA
INSERÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR**

**Bagé
2021**

MARIA EDUARDA OSORIO MACEDO

**UM ESTUDO SOBRE “CONTOS GAUCHESCOS”, DE JOÃO SIMÕES LOPES NETO, E SUA
INSERÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Orientador: Profa. Dra. Miriam Denise Kelm

**Bagé
2021**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

M141e Macedo, Maria Eduarda Osório

Um estudo sobre "Contos Gauchescos" de João Simões Lopes Neto, e sua inserção no contexto escolar / Maria Eduarda Osório Macedo.

38 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2021.

"Orientação: Miriam Denise Kelm".

1. João Simões Lopes Neto. 2. "Contos Gauchescos". 3. Literatura Regional Sul-Rio-Grandense. 4. Ensino de Literatura. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

MARIA EDUARDA OSÓRIO MACEDO

**UM ESTUDO SOBRE “CONTOS GAUCHESCOS”, DE JOÃO SIMÕES LOPES NETO, E SUA
INSERÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de curso
apresentado ao Curso de Licenciatura
em Letras Português e Literaturas de
Língua, da Universidade Federal do
Pampa, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em
Letras

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 26 de abril de 2021.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Miriam Denise Kelm
Orientadora

Profa. Dra. Lúcia Maria Britto Corrêa
(UNIPAMPA)

Profa. Me. Luisa da Silva Hidalgo
(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **MIRIAM DENISE KELM, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 03/05/2021, às 08:38, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **LUCIA MARIA BRITTO CORREA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 04/05/2021, às 11:38, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **LUISA DA SILVA HIDALGO, PROFESSOR MAGISTERIO SUPERIOR - SUBSTITUTO**, em 04/05/2021, às 21:40, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0515219** e o código CRC **8B417A68**.

Referência: Processo nº 23100.007119/2021-13 SEI nº 0515219

Dedico este trabalho aos meus pais, que por mim tanto fizeram e eu a eles retribuirei.

AGRADECIMENTO

A Deus.

À Profa. Dra. Miriam Denise Kelm.

Aos professores do Curso de Licenciatura em Letras e Literaturas de Língua Portuguesa.

Aos colegas, amigos e família.

“Pongamos la pata en tierra
Desnudemos la verdad
Y enterémonos que hay muchos
Que aún que hayan nacido acá
Son extraños en el pago
Extranjero en mi lugar.
Viven mirando la Europa o
El piratón imperial
Y si te ven pilchas gauchas
Dicen que andas disfrasao.”

Orlando Vera Cruz

RESUMO

O presente trabalho foi desenvolvido a partir da obra “Contos Gauchescos” do autor pelotense João Simões Lopes Neto, a qual foi publicada em 1912, no entendimento de que se trata de um acervo com importantes contribuições tanto para professores quanto para alunos em aulas de Língua Portuguesa e Literatura no Ensino Básico. A partir dessa obra, este estudo visa apresentar a importância de ter um maior conhecimento sobre Literatura Regional, em especial a Sul-Rio-Grandense e a relevância de ler obras que tratam sobre a cultura do nosso Estado, oportunizando assim que os alunos conheçam e tenham contato com a literatura gaúcha dentro das escolas, o que em meu entendimento, raramente acontece. Dessa forma, este trabalho busca também aproximar de professores e alunos uma concepção e as principais características da Literatura Regional Sul-Rio-Grandense através de teóricos que tratam sobre o assunto, como por exemplo: Regina Zilberman, Guilhermino César, José Clemente Pozenato, Cláudia Rejane Dornelles Antunes, entre outros.

Palavras-Chave: João Simões Lopes Neto, “Contos Gauchescos”, Literatura Regional Sul-Rio-Grandense, Ensino de Literatura.

Resumen

El presente trabajo fue desarrollado a partir de la obra "Contos Gauchescos" del autor pelotense João Simões Lopes Neto, la cual fue publicada en 1912, con el entendimiento de que se trata de una colección con importantes contribuciones tanto para profesores cuanto para alumnos en clases de Lengua Portuguesa y Literatura en niveles de primaria y secundaria. A partir de esa obra, este estudio objetiva traer la importancia de leer libros que tratan sobre la cultura de nuestro Estado, dando la oportunidad para que los alumnos conozcan y tengan contacto con la literatura gaucha adentro de las escuelas, lo que en mi entendimiento, casi nunca sucede. De esta manera, este trabajo busca también aproximar de profesores y alumnos una concepción y las principales características de la Literatura Regional, especialmente la Sul-Rio-Grandense mediante teóricos que tratan sobre el asunto, como por ejemplo: Regina Zilberman, Guilhermino César, José Clemente Pozenato, Cláudia Rejane Dornelles Antunes, entre otros.

Palabras-clave: João Simões Lopes Neto, "Contos Gauchescos", Literatura Regional Sul-Rio-Grandense, Enseñanza de Literatura.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	ENSINO DE LITERATURA NA FORMAÇÃO BÁSICA.....	13
2.1	Literatura Regional.....	15
2.2	Literatura Sul-Rio-Grandense.....	16
3	A OBRA DE JOÃO SIMÕES LOPES NETO.....	19
4	ANÁLISE DOS CONTOS.....	22
4.1	"Trezentas Onças"	23
4.2	"No Manantial"	27
4.3	"O boi velho"	30
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
	REFERÊNCIAS.....	35

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema o estudo de contos do autor gaúcho, oriundo de Pelotas João Simões Lopes Neto, presentes na obra “Contos Gauchescos” publicada em 1912, no entendimento de que se trata de um acervo que deve participar do contexto escolar no Ensino Básico. A escolha do tema surgiu perante a necessidade, em meu ponto de vista, de existir um maior conhecimento e proximidade por parte dos alunos de Ensino Básico com a Literatura Regional Sul-Rio-Grandense, já que esta traz muito da cultura do nosso Estado e é parte essencial para a manutenção do patrimônio cultural do Rio Grande do Sul.

Tais afirmações surgiram a partir de minhas observações em estágios e atuações como Bolsista durante meu período de graduação, as quais foram feitas em escolas públicas do município de Bagé-RS, em aulas de Língua Portuguesa e Literatura. Nesse sentido, acredito que muitas vezes as gerações criadas nas cidades possuem pouca ou nenhuma informação sobre a vida cotidiana no interior, sobre a linguagem e/ou os costumes, por isso, todos esses aspectos vão se perdendo pouco a pouco, com o passar dos anos, sem aos menos essas gerações terem conhecimentos sobre a cultura de seu próprio lugar.

Dessa forma, creio que as aulas de Língua Portuguesa e Literatura podem dar mais atenção às produções que tratam sobre o assunto, antes de se preocuparem em trabalhar textos ou obras de outros povos e lugares/civilizações. Creio na importância de levar essas informações ao âmbito escolar e alimentar o conhecimento dos alunos de Ensino Básico do município de Bagé sobre a cultura do Rio Grande do Sul.

Portanto, considero importante que durante as aulas de Língua Portuguesa e Literatura no Ensino Básico os contos inspirados na vida cotidiana do interior do Rio Grande do Sul tenham seu papel, já que são repletos de informações, expressões linguísticas próprias, cantigas e demais aspectos construtores da cultura gaúcha. Esta pesquisa foi realizada em torno da obra “Contos gauchescos” de João Simões Lopes Neto e dos seguintes contos: “Trezentas onças” (da página 18 a 24); “No manancial (da página 33 a 47) e “O boi velho” (da página 55 a 58). A citação de trechos dos contos escolhidos se dá a partir de uma versão mais atual da obra de João Simões Lopes Neto: “Contos Gauchescos & Lendas do Sul”, publicada em 2008. Minha escolha por utilizar essa versão foi feita em razão da ortografia, já que

foi significativa a evolução da Língua Portuguesa no decorrer dos anos que separam a publicação do primeiro exemplar da obra até a publicação do exemplar utilizado nas citações. Nos contos selecionados, destaco alguns aspectos representados na obra, que pertencem à cultura sulina, como a lealdade, a honestidade, o valor da palavra dos homens gaúchos, seus conhecimentos de vida, do tempo, do campo, dos animais, o cuidado, carinho, apreço e respeito que se tinha com os mesmos; os costumes, a linguagem, os versos e trovas, cantigas e causos. Estas são algumas das muitas características da cultura do Rio Grande do Sul que aparecem nos contos de João Simões Lopes Neto, retratando neles aspectos fidedignos ao universo do gaúcho daquele então.

Desta forma, o presente trabalho tem como objetivo geral propiciar ao leitor e aos estudantes maior conhecimento sobre a Literatura Regional Sul-Rio-Grandense e sobre a cultura gaúcha, através do estudo dos contos escolhidos. Além disso, proponho conhecer melhor, durante as aulas de Língua Portuguesa e Literatura, a obra de um autor sul-rio-grandense, suas características, relevância de seu trabalho e suas contribuições. Com este estudo, busco também possibilitar uma aproximação dos alunos de Ensino Básico com uma “definição” do que se pode entender por Literatura Regional, em especial a Literatura Regional Sul-Rio-Grandense, a partir do conhecimento de suas diretrizes e requisitos, as quais também compõem a série de objetivos que foram pensados e analisados para este trabalho. O desenvolvimento do presente trabalho se dá no âmbito da Literatura Regional Sul-Rio-Grandense. Para este estudo, foram escolhidos alguns autores e obras que sustentaram o desenvolvimento deste trabalho, já que suas contribuições foram de grande importância para a realização do mesmo, são eles: “A Literatura no Rio Grande do Sul” (1982) de Regina Zilberman; “A poética do conto de Simões Lopes Neto: o exemplo de “O negro Bonifácio”” (2003) de Claudia Rejane Dornelles Antunes; “Roteiro de uma Literatura singular” (1998) de Regina Zilberman; “O regional e o universal na Literatura Gaúcha” (1974) de José Clemente Pozenato, entre outros.

Após a Introdução, no capítulo dois, irei abordar o ensino de literatura na Formação Básica, para assim, posteriormente, trazer os conceitos de Literatura Regional e Literatura Sul Rio-Grandense. No capítulo três, irei discorrer sobre a obra de João Simões Lopes Neto em meio à produção literário rio-grandense e proporei uma análise dos contos escolhidos no capítulo quatro.

2 ENSINO DE LITERATURA NA FORMAÇÃO BÁSICA

Sobre o ensino de Literatura na formação básica, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apresenta:

No âmbito do Campo artístico-literário, trata-se de possibilitar o contato com as manifestações artísticas em geral, e, de forma particular e especial, com a arte literária e de oferecer as condições para que se possa reconhecer, valorizar e fruir essas manifestações. Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita. Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura. (BRASIL, BNCC, 2018 p.138).

Conforme a Base é possível compreender a importância atribuída por esta à prática da leitura de textos literários e o contato com as demais “manifestações artísticas”, reforçando a questão da “formação do leitor literário”, e a questão “humanizadora” que esse contato proporciona (BRASIL, BNCC, 2018, p.136). De fato, todas essas afirmações apresentadas pela Base são primordiais de serem colocadas em prática, mas isso é possível?

Durante minhas atuações como bolsista ID do Programa de Iniciação à Docência (PIBID), Residente do Programa Institucional de Residência Pedagógica, e demais observações e estágios realizados em escolas públicas do município de Bagé, pude perceber a pouca relação dos alunos com textos e obras literárias e, na maioria das vezes, quando se dava essa relação, a leitura não acontecia de forma integral e sim fragmentada e descontextualizada. Pude também identificar a realidade das escolas públicas do município, as quais não possuíam grandes recursos para disponibilizar cópias de exemplares de obras literárias, por exemplo, obrigando assim que o professor trabalhasse da melhor maneira possível dentro das muitas limitações. Durante meu período como Bolsista de Iniciação à Docência, meu grupo e eu executávamos um projeto chamado “Parada da leitura”, onde em determinado momento levávamos até a sala de aula de cada turma, com a permissão da professora da sala, exemplares de obras variadas, retirados da biblioteca da escola e, assim, durante alguns minutos, os alunos liam os exemplares.

No fim do período reservado para essa leitura, os alunos devolviam os livros e nós seguíamos para outra turma. Essa era uma das alternativas que nós encontramos para fazer com que os alunos se interessassem pelos textos e, no pós-aula, retirassem os livros da biblioteca para continuarem suas leituras (isso de fato acontecia). Mas, no ensino de Literatura na Formação Básica, no dia-a-dia dos professores (pensando especificamente nas escolas públicas) isso não é uma tarefa fácil. As competências, propostas pela Base Nacional, são muito promissoras, porém nem sempre os mediadores do conhecimento logram concluí-las. Os professores precisam adaptar e readaptar seus planos e conteúdos para entrar em conformidade com os materiais disponíveis nas escolas. Por exemplo, a escassez de livros, a escassez de exemplares de uma obra, a pouca verba e material disponibilizado para cópias, entre outros. Dessa forma, sabe-se que existem muitas dificuldades no entremeio que vai da proposta da Base à sala de aula, e os professores são obrigados a driblá-las para tentar levar obras literárias e materiais de qualidade aos seus alunos.

O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), que visa abastecer as bibliotecas das escolas públicas de Educação Básica de todo o país, é muito válido e, graças a ele, as bibliotecas têm certa atualização em seus acervos de tempos em tempos. Porém, o fato de ele existir e “funcionar” não é suficiente. Durante minha participação nos programas institucionais que citei acima, pude também acompanhar as petições e seleções, feitas pela escola, de títulos e obras a serem solicitados para a biblioteca, conforme a necessidade dos professores, essencialmente, de Língua Portuguesa e Literatura. Nem sempre o retorno é como se espera: algumas obras muito esperadas não chegam, enquanto a escola é contemplada por outras não solicitadas e assim por diante. O fato é que a manutenção das bibliotecas continua sendo uma grande questão a ser trabalhada, dentro e fora das escolas.

Penso que o ensino de literatura, embora enfrente problemas e dificuldades, é muito relevante para a vida do aluno, já que quando o professor consegue levar até ele uma obra literária e fazê-la significar ele acaba de realizar um feito que faz toda diferença para ambos. O papel do professor, em meu ponto de vista, é também o de estimular a leitura e a curiosidade dos alunos, de aconselhar e indicar que também fora da escola procurem livros, leituras e o resultado vem, muitos deles ouvem, seguem e colocam em prática esses “conselhos”. Conforme afirma a estudiosa Raquel Villardi: “Porque para formar grandes leitores, leitores críticos, não basta

ensinar a ler. É preciso ensinar a gostar de ler, [...] com prazer, isto é possível, e mais fácil do que parece.” (VILLARDI, 1997, p. 2).

2.1 Literatura Regional

Primeiramente, é importante refletir sobre o “tipo” de literatura à qual pertence a obra aqui estudada que é a Literatura Regional Sul-Rio-Grandense. Durante o decorrer do presente trabalho, apresentarei o porquê de os “Contos Gauchescos” pertencerem a esse acervo literário.

Antes mesmo de adentrar a Literatura Regional Sul-Rio-Grandense como um todo, irei discorrer sobre o que se entende por Literatura Regional. O que caracteriza uma Literatura Regional? Pode-se dizer que a Literatura Regional assume um importante papel na questão da representação da heterogeneidade na Literatura Nacional, já que é caracterizada por retratar ou representar determinada região do país, trazendo junto às histórias um pouco da cultura do lugar que representa. (MIGUEL-PEREIRA, 1973, p. 179). Segundo a autora, estudiosa e crítica Lúcia Miguel-Pereira, em sua obra “Prosa e ficção” de 1973:

Para estudar, pois, o regionalismo é mister delimitar-lhe o alcance; só lhe pertencem em pleno direito as obras cujo fim primordial for a fixação de tipos, costumes e linguagens locais, cujo conteúdo perderia a significação sem esses elementos exteriores, e que se passem em ambientes onde os hábitos e estilos de vida se diferenciem dos que imprimem a civilização niveladora.” (MIGUEL-PEREIRA, 1973, p. 179).

Assim, a explicação da autora sobre as características do regionalismo esclarece como analisar quais obras, de fato, pertencem a esse conjunto de textos. Ainda sobre aspectos característicos do regionalismo, Regina Zilberman, em sua obra “A Literatura no Rio Grande do Sul” de 1982, discorre, em conformidade com Lúcia Miguel-Pereira: “o regionalismo, de modo geral, pode ser caracterizado por dois fatores, conforme evidenciava a formulação de Lúcia Miguel-Pereira: o tipo humano escolhido e o meio espacial”. (ZILBERMAN, 1982, p. 35). Dessa forma, partindo das fundamentações feitas pelas autoras acima citadas, a Literatura Regional ou Regionalismo, em literatura, pode ser caracterizada e compreendida pela junção dessas características: representação de determinada cultura e costumes, tipos humanos genuínos, determinada linguagem, assim como também a

essencialidade desses aspectos para que tal obra tenha seu sentido. (MIGUEL-PEREIRA, 1973, p. 179).

No contexto da Literatura Brasileira, devido às dimensões continentais do país e as diferentes regiões, existem tipos de Literaturas Regionais, como sendo: a literatura nordestina; a amazonense; a sertanista, a sul-rio-grandense, a mineira, a paulista, entre outras. Na Literatura Regional Sertanista, por exemplo, pode-se citar a obra “Vidas secas” de Graciliano Ramos, que é um grande exemplo dessa literatura em forma de romance. Os cordéis ganham grande importância, representando a regionalidade nordestina em forma de versos, como por exemplo, em: “Peleja do Cego Aderaldo” de Firmino Teixeira do Amaral. E assim, inúmeras produções literárias de cunho regionalista ilustram a grande diversidade da Literatura Brasileira.

2.2 Literatura Sul-Rio-Grandense

Segundo Regina Zilberman em sua obra “A Literatura no Rio Grande no Sul”, 1982, no contexto da Literatura Regional Sul-Rio-Grandense, o tipo humano representado é o gaúcho: a figura do homem de campo, valente e conhecedor, o qual habita o meio espacial que é a Campanha, o Pampa, ou a zona rural do Estado (ZILBERMANN, 1982, p. 32). Sobre o meio espacial, o autor Guilhermino Cesar discorre em sua obra “Notícia do Rio Grande”, de 1994:

Onde se localiza, no espaço, o campo de observação que tem sido, desde meados do século XIX, a matriz do regionalismo gaúcho? Basta olhar para o mapa. [...] Pela classificação oficial em vigor, o terrunho do gaúcho brasileiro tem o nome de Campanha. É o descampado que ali vemos, à guisa de enclave pecuário, aquém da fronteira com a República do Uruguai, cobrindo o chamado pampa rio-grandense. Compreende os seguintes municípios: Alegrete, Bagé, Dom Pedrito, Quaraí, Rosário do Sul, Santana do Livramento, São Gabriel, Uruguaiana. (CESAR, 1994, p. 27).

Assim, em conformidade com a descrição feita por Guilhermino Cesar, compreendo que é a Campanha o espaço natural em que habita o homem gaúcho (CESAR, 1994, p. 27). Nesse espaço, as características do inverno rigoroso refletem nos hábitos desse tipo humano representado, como por exemplo: a tradição do mate, o fogo, as vestimentas e a forma de executar as lidas de campo. Regina Zilberman também coloca, referindo-se a João Simões Lopes Neto e aos “Contos Gauchescos”, que ali estão representados os aspectos característicos do Regionalismo, transformando-os em ferramentas para refletir a realidade gaúcha do

momento histórico em que se encontrava o autor durante a produção da obra (ZILBERMAN, 1982 p. 45).

A Literatura Sul Rio-Grandense, em seus primórdios e em parte até hoje, está vinculada a fatos e aspectos históricos muito próprios do Rio Grande do Sul, por isso, vale situar cronologicamente seu crescimento e propagação. Mas, antes disso, irei apresentar uma noção do que se pode entender por Literatura Sul-Rio-Grandense. Regina Zilberman, em sua obra citada acima, afirma, a partir da colocação de Carlos Dante de Moraes em sua obra “Figuras e ciclos da história rio-grandense” de 1959:

Segundo Carlos Dante de Moraes, foram considerados como pertencentes à literatura rio-grandense os autores nascidos no Estado. Assim, o critério mais abrangente decorre da biografia dos escritores e, por isso, envolve também aqueles que aqui se radicaram, como aconteceu a Carlos V. Koseritz no século passado e vem acontecendo com Sérgio Caparelli, atualmente. O ensaísta alude ainda a um terceiro aspecto, considerando inseridas no acervo literário aquelas obras que têm “expressão” rio-grandense” (p. 179), o que permite a incorporação das novelas de Ivan Pedro de Martins e Pedro Wayne. (ZILBERMAN, 1982, p.7).

A autora ainda adiciona a essa acepção a ideia de que: “[...] a literatura gaúcha retira sua especificidade do fato de que os autores dirigem suas obras originariamente ao público local, estabelecendo com ele um diálogo de onde provém seu sentido.” (ZILBERMAN, 1982, p. 8). Partirei desse pressuposto: entendendo a literatura sul-rio-grandense como sendo um desdobramento do âmbito maior da literatura nacional, que comporta, além dos escritores sul-rio-grandenses, também aqueles que migraram para o Estado e que escrevem obras de expressão gaúcha. (ZILBERMAN, 1982, p. 8). Ainda sobre a obra de Zilberman e como havia mencionado anteriormente, situarei cronologicamente o crescimento e maior propagação desta literatura. Um marco para essa evolução foi a Sociedade Partenon Literário. O Partenon Literário, como é chamado, foi uma sociedade criada em Porto Alegre em 1868, que era destinada a fins sociais, culturais e artísticos. Faziam parte dela nomes conhecidos como: Caldre e Fião, Apolinário Porto Alegre, Bernardo Taveira Junior, Múcio Teixeira, Luciana de Abreu, Lobo de Costa, (ZILBERMAN, 1982, p. 13) entre outros. Essa sociedade foi um importante marco para um maior conhecimento da literatura sul-rio-grandense por parte dos leitores. Também, segundo Zilberman, as manifestações literárias, nesse primeiro momento, eram publicadas em forma de verso, já que este era mais econômico e cabia nos

poucos espaços das folhas dos jornais. (ZILBERMAN, 1982, p.11). Outro motivo colocado pela autora, que justifica a escolha pelo verso, é o de que este já era uma forma popular entre os gaúchos, o que possibilitava uma propagação oral e, assim, os versos iriam se tornando popularmente conhecidos nos mais diversos ambientes. (ZILBERMAN, 1982, p. 11).

As primeiras manifestações literárias no Rio Grande do Sul obedeceram à forma métrica. Independentemente do maior prestígio que o verso de modo geral, gozou até o início do século 20 em relação à prosa, as razões dessa preferência devem-se também à maior facilidade de divulgação. Numa época em que inexistiam editoras de livros, um soneto podia se tornar público por meio de declamação ou aparecer num canto de jornal [...]. (ZILBERMAN, 1982, p. 11).

Sobre a declamação de versos, cito a importância que a memória desenvolve como uma ferramenta para um aspecto tão característico dos gaúchos: o “cantar versos”. Muito antes da época do Partenon, a prática de cantar versos já fazia parte dos costumes desse povo que, em inúmeras situações sabia bem como encaixar um verso para animar, consolar ou até mesmo trazer ensinamentos aos que estivessem ao redor. Mais do que isso, o cantar versos é uma prática muito primitiva e acontecia em inúmeros povos do mundo todo. Antônio Saraiva e Oscar Lopes em sua obra “História da Literatura Portuguesa”, discorrem sobre o assunto:

Quase todas as literaturas se iniciam por obra em verso. Excetuando as novas nacionalidades resultantes da emigração de europeus a partir do século XVI, a poesia surge mais cedo que a prosa literária. Não é difícil explicar esse fato: nas civilizações do passado, a mais corrente forma de comunicação e de transmissão da obra literária não é escrita, mas oral. Antes de se fixarem no bronze, na pedra, no papiro, no papel ou no pergaminho, as histórias, as narrativas, e até os códigos morais e jurídicos gravavam-se na memória dos ouvintes; e havia artistas que se encarregavam de os divulgar. Os aedos e rapsodos entre os gregos, os bardos entre os celtas, os jograis entre os povos românticos medievais. (SARAIVA & LOPES, s.d, p. 45).

Assim, em conformidade com a ideia colocada por Zilberman e Saraiva & Lopes (nas citações feitas acima, respectivamente) os versos constituem uma forma muito antiga de expressão literária, a qual acontecia em nosso país e em nosso Estado, assim como também em muitos outros países e regiões do mundo. Portanto, além do vínculo histórico, a literatura também está relacionada à expressão memorialística, o que me permite pensar e organizar a Literatura como sendo uma arte composta de Memórias e Histórias. As memórias provêm do homem e são construídas a partir de suas vivências, experiências, sentimentos e conhecimentos, que acabam por serem passadas de um a outro, dos mais velhos aos mais jovens,

de geração em geração, atravessando tempos. De certa forma, a História também se baseia no homem para documentar os feitos do passado, já que nem todos os acontecimentos foram registrados ou documentados, e uma das formas de preencher essas lacunas é recorrer às memórias daqueles que têm propriedade para acessá-las e, assim, contribuir para o registro de um feito histórico. (MENDES, 2007, p. 37-38). Segundo Maria Lúcia Dias Mendes, em sua Tese de Doutorado “No limiar da História e da Memória. Um estudo de *Mes mémoires*, de Alexandre Dumas” (2007), é possível compreender o sentido do termo “memória” e sua significação que pode ser diretamente relacionada com este estudo:

[...] o termo “memórias” [...] está tradicionalmente ligado às narrativas de vida, desde a origem das línguas romanas. Um *mémoire* é, a princípio, um relato de fatos, a exposição de um tema. O termo “*Mémoires*”, no plural, está ligado à recapitulação, à inscrição em *mémoire* de acontecimentos aos quais o autor teve acesso direto e que possibilitam a sua rememoração. O memorialista não é um historiador, nem um cronista apenas, trata-se, na verdade, de uma testemunha da História. Seu testemunho restringe-se aos acontecimentos aos quais ele esteve ligado – como ator ou expectador. Para escrever, o autor normalmente recorre a testemunhos de outras pessoas presentes ou mesmo a fontes documentais; contudo é a primeira pessoa que toma a frente na narração, organizando os fatos de acordo com a perspectiva pessoal de um indivíduo em particular (MENDES, 2007, p. 37-38).

Dessa forma, a significação dada por Mendes para o termo “memória” justifica as afirmações feitas acima, onde associei Memória à História e, conseqüentemente também à Literatura. Em meu ponto de vista, essa tríade - Memória, História, Literatura – é a base “teórica” para o presente estudo, são aspectos interligados que resultam em características muito presentes na obra aqui estudada, os “Contos Gauchescos”.

3 A OBRA DE JOÃO SIMÕES LOPES NETO

Creio ser importante, primeiramente, pontuar a organização entre as Literaturas tratadas até o momento: no âmbito maior, encontra-se a Literatura Brasileira e, dentro dela, as Literaturas Regionais. A obra aqui estudada se enquadra no âmbito da Literatura Regional, mais especificamente, a Sul-Rio-Grandense, já que o autor trata, em seus contos, especificamente, sobre a região Sul do país, suas características, sua cultura e os “tipos humanos” que habitam o ambiente das histórias: a zona rural do Rio Grande do Sul. (ZILBERMAN, 1982, p.

35). A obra de Simões Lopes Neto “Contos Gauchescos” tem relevante importância quando se pensa e estuda a Literatura Regional Sul-Rio-Grandense. Segundo Cláudia Rejane Dornelles Antunes, em sua obra “A poética do conto de Simões Lopes Neto: o exemplo de ‘O negro Bonifácio’”, essa obra é considerada um grande sucesso, chegando a ser tratada como um cânone regional, através da qual o autor retrata um pouco da história e cultura do Rio Grande Sul daquele período histórico. (ANTUNES, 2003, p. 14).

Simões Lopes Neto é reconhecido como um dos mais importantes nomes do Regionalismo brasileiro pelo tratamento artístico e original dado por ele à matéria regional. O livro *Contos Gauchescos*, ocupa lugar canônico na literatura sul-rio-grandense, na qual os contos “Trezentas onças”, “O negro Bonifácio”, “No manantial” e “Contrabandista” figuram entre os mais importantes, sendo referidos em várias antologias do gênero. (ANTUNES, 2003, p. 14).

Ainda segundo Cláudia Rejane Dornelles Antunes, sobre a trajetória de vida do autor, foi a partir das vivências e experiências na Estância, junto à família e amigos, que João Simões Lopes Neto “reuniu o *manantial* necessário à criação das trovas, [...] do cenário e dos tipos dos Contos Gauchescos” (ANTUNES, 2003, p. 17). Relembro aqui, como já colocado anteriormente, a importância e a participação da memória como aspecto indispensável para, no caso dos “Contos Gauchescos”, a construção de narrativas de Literatura Regional Sul-Rio-Grandense. Ainda sobre os “Contos”, Antunes pontua que:

O grande sucesso dos Contos deve-se à estratégia utilizada pelo autor de colocar um narrador culto apresentando uma personagem popular – narrador testemunha de todas as histórias. Na voz de Blau Nunes as expressões típicas do falar regional e a descrição dos cenários campeiros e dos acontecimentos que se seguem adquirem tom absolutamente natural. Da mesma forma, as constantes interpelações ao interlocutor aproximam mais uma vez a obra da narrativa oral.” (ANTUNES, 2003, p. 27).

Além dos contos serem narrados pelo narrador testemunha que é Blau Nunes, durante a leitura da obra é possível identificar que com grande frequência nas falas de Blau, são colocados chamamentos: Ah Patrício [...]” (LOPES NETO, 2008, p. 22); “Escuite” (LOPES NETO, 2008, P. 25); “Está vendo aquele umbu, lá embaixo, à direita do coxilhão?” (LOPES NETO, 2008, p. 33); “Se vancê fosse daquele tempo, eu calava-me, porque não lhe contaria novidade, mas vancê é um guri, perto de mim, que podia ser seu avô... Pois escuite.” (LOPES NETO, 2008, p. 59). Assim, durante esses chamamentos, nós, leitores, interlocutores, sentimos que Blau está “próximo” falando conosco, contando o caso para nós, a todo tempo

interpelando-nos. Sobre isso, Antunes discorre que a representação linguística colocada na obra é a responsável por dar à ela esse tom de naturalidade, já que, à medida que se vai lendo, o narrador apresenta inúmeros termos que remetem à oralidade, como os chamamentos, citados anteriormente, apresentados regularmente no decorrer da obra. (ANTUNES, 2003, p. 27).

Conhecedor dos costumes e da fala do homem campeiro, Simões consegue se transformar em persona na figura de Blau Nunes e narrar com tranquilidade aquilo que viu e ouviu na infância, em companhia do pai e do peões da estância. As inversões na frase, que subvertem a linearidade da narrativa, as repetições, pontilhados, excessos de exclamações e reticências, que escandalizam os puristas, só confirmam a presença da oralidade. Os excessos da fala traduzem a emoção que a escrita cala. (ANTUNES, 2003, p. 27).

Sobre a linguagem dos “Contos”, José Clemente Pozenato, em sua obra “O Regional e o Universal na Literatura Gaúcha” 1974, coloca que “a linguagem passa a ser o fator central de elaboração do mundo [...]” ali representado (POZENATO, 1974, p. 47). Assim, José Clemente Pozenato, reforça a colocação de Cláudia Rejane Dornelles Antunes sobre a linguagem utilizada pelo autor para compor essa obra de tão relevante importância.

O narrador dos “Contos” é apresentado como Blau Nunes, um homem gaúcho “de oitenta e oito anos, todos os dentes, vista aguda e ouvido fino” (LOPES NETO, 2008, p.16) e é através dele que os dezenove contos que compõem a obra de Simões Lopes Neto são contados. Blau Nunes, por ser campeiro e conhecedor conta, ao interlocutor, nos mínimos detalhes o cenário, as características das pessoas, das estâncias e todo o ambiente de suas histórias, oportunizando uma importante aproximação entre locutor e interlocutor e criando grande verossimilhança no decorrer dos contos. Sobre Blau, José Clemente Pozenato discorre:

A personagem brota de dentro de sua própria palavra, sua mesma palavra o parteja. Seja que fale das coisas, seja de fatos, acontecidos com ele ou não, é sempre Blau Nunes, com o seu mundo, que vem ao primeiro plano da narração. (POZENATO, 1974, p. 47).

Dessa forma, a partir das contribuições teóricas feitas pelos autores acima citados, fica demonstrada a grande contribuição da obra de João Simões Lopes Neto para a Literatura Regional Sul-Rio-Grandense e até mesmo, sua importância para a Literatura Brasileira como um todo.

No capítulo a seguir, irei apresentar a análise de três contos da obra aqui estudada, os quais foram escolhidos para exemplificar alguns aspectos pertencentes à cultura gaúcha.

4 ANÁLISE DOS CONTOS

Neste capítulo, será realizada a análise dos contos selecionados, onde destacarei aspectos pertencentes à cultura gaúcha. Os contos selecionados servem para exemplificar a riqueza da obra de João Simões Lopes Neto, não significa que defendo a utilização de apenas esses três dos contos da obra em aulas de Língua Portuguesa e Literatura, mas que, pela extensão da obra, julguei necessário fazer uma seleção para poder tratar alguns dos aspectos mencionados até aqui.

Além disso, serão enfatizados alguns critérios, os quais foram pensados para dar destaque às características da Literatura Regional Sul-Rio-Grandense, são eles: a linguagem utilizada; o ambiente em que se passam os contos; os tipos humanos que os habitam, destacando suas ações, formas de pensar, valores e características que remetem à cultura do Rio Grande do Sul. A cada trecho citado, irei discorrer sobre ele, pontuando os critérios acima apresentados. Mas, anterior a isso, apresentarei uma concepção de conto. Segundo Nádya Batella Gotlib, em sua obra “A teoria do conto”:

O contar (do latim computare) uma estória, em princípio, oralmente, evolui para o registrar as estórias, por escrito. Mas o contar não é simplesmente um relatar acontecimentos ou ações. Pois relatar implica que o acontecido seja trazido outra vez, isto é: re (outra vez) mais latum (trazido), que vem de fero (eu trago). Por vezes é trazido outra vez por alguém que ou foi testemunha ou teve notícia do acontecido. O conto, no entanto, não se refere só ao acontecido. Não tem compromisso com o evento real. Nele, realidade e ficção não têm limites precisos. Um relato, copia-se; um conto, inventa-se, afirma Raúl Castagnino. (GOTLIB, 2006, p. 12).

Assim, partindo da ideia de conto apresentada por Nádya Batella Gotlib, pode-se pensar e relacioná-la com a obra de João Simões Lopes Neto aqui estudada. “Os Contos” são compostos por uma série de textos do gênero conto, e esse gênero não possui comprometimento com a realidade (GOTLIB, 2006, p. 12). Dessa forma, fica compreendido que as histórias apresentadas pelo narrador personagem Blau Nunes, no decorrer dos “Contos Gauchescos” são, provavelmente, oriundas de histórias que o autor viu e ouviu durante sua infância (ANTUNES, 2003, p. 17), o que serviu de base para a construção da obra como um todo.

4.1 “Trezentas Onças” (p. 18 a 24)

O primeiro entre os contos selecionados para análise é “Trezentas Onças”. O conto mostra um gaúcho, peão tropeiro, que enviado pelo seu patrão para comprar gado em outra localidade, acaba perdendo durante a viagem a grande quantia em dinheiro que trazia consigo para determinado fim. O homem então entra em desespero e, preocupado com o que seu patrão pensaria dele, decide dar a volta e retornar a viagem que recém havia feito para procurar o que havia perdido.

Logo no início do conto, a linguagem utilizada é, claramente, característica do Rio Grande do Sul, mais precisamente, da campanha gaúcha. Expressões como: “tropeava”, “guaiaca”, “abombado”, “troteada” perderiam seu sentido quase que completamente se extraídas desse contexto. As palavras acima citadas significam, respectivamente: “tropeava” (vem de “tropear”, prática de conduzir o gado, seja com o objetivo de mudá-los de campo ou conduzi-los até outra propriedade); “guaiaca” (saco, utilizado para carregar remédios para o gado, feito, geralmente, de canos de botas velhas); “abombado” (expressão utilizada para dizer que alguém é distraído, lento); “troteada” (vem de “trote” que é determinada velocidade em que anda o cavalo, nesse caso, “troteada” significa “viagem” pois essa viagem foi feita na marcha trote). Ainda, na atualidade, essas palavras são muito utilizadas e estão completamente inseridas no dia-a-dia dos gaúchos, assim como a maioria das expressões linguísticas próprias do Rio Grande do Sul colocadas nos “Contos”.

Além das expressões linguísticas, podemos olhar para o ambiente: a campanha. Como na definição colocada por Guilhermino Cesar, a campanha é o lugar longínquo das concentrações existentes nas cidades, é o lugar natural do homem gaúcho (CESAR, 1994, p.27). E é nesse lugar que o conto “Trezentas onças” se passa. Na campanha de antigamente, não havia veículos automotores, por isso, as pessoas somente andavam a cavalo, percorriam grandes distâncias para se trasladarem, andavam dias e noites no lombo dos cavalos para assim chegar a algum lugar, como era o caso desta troteada (viagem). O tipo humano presente nesse conto é um gaúcho, campeiro e conhecedor, que tinha como ofício ser tropeiro. A palavra “tropeiro” é utilizada para designar o peão que trabalha na “tropa”, aquele que, a cavalo, toca o gado por diante até chegar ao seu destino, como na passagem do conto:

Eu tropeava, nesse tempo. Duma feita que viajava de escoteiro, com a guaiaca empanzinada de onças de ouro, vim varar aqui neste mesmo passo, por me ficar mais perto da estância da Coronilha, onde devia pousar. Parece que foi ontem!... Era por fevereiro; eu vinha abombado da troteada. (LOPES NETO, 2008, p. 18)

Nesse trecho, a expressão “empanzinada” é utilizada para dizer que a “guaiaca” estava muito cheia, nesse caso, cheia de “onças de ouro” que, por sua vez, valem muito dinheiro até hoje já que são moedas de ouro puro. No decorrer do conto, Blau Nunes dá outra informação:

- Ah!...esqueci de dizer-lhe que andava comigo um cachorrinho brasino, um cusco mui esperto e boa vigia. Era das crianças, mas às vezes dava-me para acompanhar-me, e depois de sair a porteira, nem por nada fazia cara-volta, a não ser comigo. E nas viagens dormia sempre ao meu lado, sobre a ponta da carona, na cabeceira dos arreios. (LOPES NETO, 2008, p. 18)

Dizer que o cão era “brasino” (LOPES NETO, 2008, p. 18) significa dizer que a cor de seu pelo era “riscada” ou “manchada”, era uma mistura de cores. Geralmente, o pelo “brasino”, tanto em animais domésticos (gatos e cães) quanto em animal vacum (vacas, touros, bois e terneiros), tem tons de marrom em suas riscas, podendo haver junto a esse tom, algum outro mais escuro: preto com riscas marrons, cinza com riscas marrons, marrom escuro com riscas marrom claro, e por ai vai. A informação trazida por Blau sobre o cão é também uma forte característica da figura do gaúcho, o qual tem quase sempre junto a ele um cachorro amigo. Muito comumente, quando um artista pinta, desenha ou até mesmo escreve sobre a vida nas campanhas ou sobre a própria figura de um gaúcho, o faz junto aos seus fieis companheiros: o cachorro e o cavalo. Blau Nunes, no decorrer do conto, atribui a esse animal aspectos de grande valia para quem anda viajando pelas estradas e pelos descampados da pampa gaúcha, esse sentimento que Blau coloca em relação ao cachorro me faz lembrar de uma linda e emocionante poesia de Jayme Caetano Braun, presente na obra “Potreiro de guachos” de 1981, “Cusco baio”:

Entre os amigos que tenho,
Irmãos da lida campeira,
Há um cusco baio coleira
Que vai junto, quando eu saio
Botei-lhe o nome de raio
Pois é um raio de ligeiro
E não há melhor parceiro
Do que o meu cachorro baio. (BRAUN, 1981, 38)

No conto não é diferente, “o cachorrinho brasino” (LOPES NETO, 2008, p.18) completa a tríade: campeiro, cusco (cachorro) e cavalo, retratada nesse conto. Esse é um grande traço característico desse tipo humano. Ainda sobre o gaúcho, tipo humano aqui retratado, é interessante olhar para suas ações, formas de pensar, e seus valores. No trecho a seguir, pode-se perceber o desespero desse homem ao ver que havia perdido a “guaiaca” com as “onças de ouro” que pertenciam ao seu patrão e uma das primeiras coisas que pensou foi que seu patrão logo duvidaria de sua integridade. Além de seu próprio desespero, o “A la fresca” (LOPES NETO, 2008, p. 19) do companheiro que a ele indagava o porquê do seu assombro, concordava com a gravidade da situação. Essa expressão “A la fresca” (LOPES NETO, 2008, p. 19) que mistura a língua portuguesa com a língua espanhola (já que o artigo “la” é característico da língua espanhola e a palavra “fresca” pode ser compreendida e utilizada normalmente em ambas línguas) significa, nesse contexto, que a situação não é boa, assim como outra expressão muito comum que até hoje se utiliza no dia-a-dia das campanhas da fronteira, a qual possui quase o mesmo significado: “A la maula”.

Assim, de meio assombrado me fui repondo quando ouvi que indagavam:

- Então patrício? está doente?

-Obrigado! Não senhor, respondi, não é doença; é que sucedeu-me uma desgraça: perdi uma dinheirama do meu patrão...

-A la fresca!...

-É verdade... antes morresse, que isto! Que vai ele pensar agora de mim!... (LOPES NETO, 2008, p. 19)

Outra das características linguísticas muito fortes que aparecem nos contos e que também está presente no dia-a-dia dos campeiros nas propriedades e estâncias, conservada até hoje, é a de não chamar o cavalo somente de “cavalo” ou a égua somente de “égua”. Quando estes não têm nomes próprios, eles são chamados através das características do pelo, por exemplo: o gateado (pelo com um tom de bege, com as crinas escuras), o mouro (pelo da cor chumbo, com as crinas pretas), o rosilho (tom de vermelho misturado com cinza com as crinas pretas), o douradilho (é uma variação de “gateado” com um tom ainda mais escuro e crinas pretas) o tostado alazão (tom fechado de marrom telha com as crinas da mesma cor) e assim por diante. No trecho a seguir, aparece uma descrição sobre a viagem de volta para procurar o dinheiro perdido: “O zaino atirava o freio e gemia no compasso do galope” (LOPES NETO, 2008, p. 21) o que mostra que o cavalo tinha muita

energia e ânimo para seguir a jornada, que o cavalo era “estradeiro” (acostumado a viajar estrada a fora). Dizer que o cavalo era zaino significa que seu pelo tinha um tom de preto com fundo avermelhado e crinas pretas.

Outro aspecto cultural importantíssimo trazido nesse conto é a representação das Três Marias. As Três Marias são um conjunto de três estrelas, as quais podem ser vistas logo no início da noite posicionadas mais ou menos ao norte, indo para o oeste (entrada do sol) para se porem. Em torno delas, na cultura gaúcha, existe uma lenda de surgimento, a qual conta que elas se formaram através das três bolas constituintes da “boleadeira”. Os autores Airton Pimentel e Luiz Coronel compuseram a letra de uma música, chamada “Pilchas” datada de 1980, a qual resume muito bem a lenda de surgimento das três marias: “Atirei as boleadeiras contra noite que surgia, noite adentro entre as estrelas se tornaram três marias” (PIMENTEL & CORONEL, 1980).

O nome “boleadeira” vem de “bolear” que significa: cair. A “boleadeira” é uma ferramenta feita de três pedaços longos de couro, os quais possuem cada um em sua ponta, uma pedra arredondada revestida de couro. Esses três longos pedaços com suas “bolas” eram unidos por uma costura comum e assim se formava essa ferramenta, que, antigamente era muito utilizada pelos índios sulinos e pelos gaúchos para lutar em batalhas ou simplesmente em brigas. Além dessa função, a boleadeira também era utilizada para derrubar cavalos selvagens, os chamados “potros”, e assim conseguir amansá-los. A boleadeira era uma arma e também ferramenta de trabalho. Ainda hoje, elas existem, porém, não são mais utilizadas, mas são muito valorizadas e muitos as guardam com apreço. No conto, as Três Marias são mencionadas em um lugar muito fraterno, fazendo com que Blau Nunes conte essa história dizendo que lembrou-se de sua família. Antigamente, a lenda das Três Marias era algo que todos conheciam: homens, mulheres e crianças sabiam bem distingui-las e contar a sua “origem”. Hoje em dia, muitos nem as conhecem.

O zaino atirava o freio e gemia no compasso do galope, comendo caminho. Bem por cima da minha cabeça as Três-Marias tão bonitas, tão vivas, tão alinhadas, pareciam me acompanhar..., lembrei-me dos meus filhinhos, que as estavam vendo, talvez; lembrei-me da minha mãe, de meu pai, que também as viram, quando eram crianças e que já as conheceram pelo seu nome de Marias, as Três-Marias. - Amigo! Vancê é moço, passa a sua vida rindo...; Deus o conserve!... sem saber nunca como é pesada a tristeza dos campos quando o coração pena!... (LOPES NETO, 2008, p. 21)

O conto “Trezentas Onças” é uma história da qual se podem retirar ensinamentos, assim como em todos os contos da obra aqui estudada. Um dos maiores ensinamentos deixados pelo conto é o valor da honestidade. O quão relevante e importante é ser uma pessoa de bem e agir corretamente para preservar sua moral e integridade. Com esse conto, busco, além de mostrar a possibilidade de explorar as inúmeras características culturais, as expressões linguísticas utilizadas pelos gaúchos e as formas de pensar dos tipos humanos, mostrar também que o professor tem a possibilidade de trabalhar em sala de aula esse ensinamento deixado pelo conto, interpretando e refletindo com o aluno sobre tais.

4.2 “No manantial” (p. 33 a 47)

O segundo conto a ser analisado é “No manantial”. Esse conto trata de uma moça, chamada Maria Altina, filha de Mariano, que era cobiçada por dois moços: um era rejeitado por ela, o Chicão, que era um moço extremamente maldoso, grosso e sem respeito, e com o outro ela estava de casamento marcado, o furriel André. Sabendo da notícia de seu casamento, o moço que por Maria Altina era rejeitado, foi até a casa dela, matou sua avó e tentou abusar de Maria Altina. A moça, esperta, deu uma grande mordida no braço de Chicão, enquanto ele a apertava, e conseguiu escapar, montando seu cavalo e fugindo campo a fora. Chicão, em seguida fez o mesmo e correu atrás de Maria Altina.

Primeiramente, é importante pontuar o significado de “manantial”. O “manantial” é uma espécie de lago que, olhando de longe parece terra firme, pois ele geralmente é coberto por pasto e vegetação variada. Porém, quando um animal ou até mesmo gente, como era o caso do conto, cai dentro dele, logo é sugado aos poucos pelo lodo que lá dentro existe. A palavra “manantial” é uma palavra da língua espanhola, já que na língua portuguesa o correto seria falarmos em “manancial”, porém, ambas possuem o mesmo significado e, assim como inúmeras outras palavras e expressões, esta se mistura entre os falantes da fronteira.

No início do conto, Blau Nunes traz a informação de que Mariano, pai de Maria Altina, não era oriundo daquela região, ele tinha vindo de outro lugar e se instalado por lá com a sua família. Essa informação é bastante relevante, já que, antigamente, nas campanhas, as pessoas costumavam “ficar de olhos abertos” em relação a pessoas que vinham de outros lugares e se instalam em seus “pagos” (lugar), como foi o caso do Mariano e de sua família. “O Mariano apareceu aqui, diz

que vindo de Cima da Serra, corrido dos bugres; uns, porque lhe morrera a mulher da bexiga preta, outros ainda, à boca pequena, que não era por santo que ele mudara de cancha.” (LOPES NETO, 2008, p. 34). Nesse trecho, a expressão “canha” está significando lugar, porém a palavra “canha” é própria do cenário de “carreiras” que é um esporte de corrida de cavalos, antigamente muito praticado. A “canha” no contexto das carreiras significa “pista”, o lugar em que os cavalos correm. No conto, através do tipo humano que habitava a zona rural, está retrata uma atividade muito comum naquele tempo, que assim como o “tropear” era de suma importância para a economia das campanhas, o “carretear”. Os carreteiros eram as pessoas que tinham como ofício percorrer grandes distâncias em carretas (veículo da família das carroças, porém muito maior e puxado por bois) com o objetivo de comercializar insumos, couros, lãs, canha e muitas outras coisas. Nesse caso, os carreteiros acamparam em uma tapera, que nada mais é do que uma casa ou morada abandonada. Sobre a tapera, aparece outra característica cultural com a qual comumente as taperas são relacionadas: os casos de assombração. Por ser a tapera um lugar muito triste, sombrio e às vezes caindo aos pedaços, os casos de assombros acabam ganhando muita veracidade se contados tendo como pano de fundo uma tapera.

Uns carreteiros que acamparam na tapera do Mariano contaram que pela volta da meia-noite viram sobre o manancial duas almas, uma, vestida de branco, outra, de mais escuro..e ouviram uma voz que chorava um choro mui suspirado e outra que soltava barbaridades...(LOPES NETO, 2008, p. 34)

Outro aspecto muito importante retratado nesse conto, e que se mantém até hoje é a prática de marcar e assinalar o gado. A marca é feita através de um ferro quente, o qual literalmente marca o couro do animal, para que assim não exista motivo de dúvida sobre a propriedade do mesmo. O sinal é um corte feito na orelha, objetivando o mesmo fim. Se um animal não possui marca nem sinal quer dizer que ele é “orelhano”. A marca e o sinal são o registro de cada estancieiro ou produtor, cada um possui a sua marca e o seu sinal. Atualmente, se em uma propriedade existem animais “orelhanos” deve-se duvidar da procedência dos mesmos, o que difere um pouco da situação de antigamente, onde nem todos os proprietários conseguiam marcar e assinalar todo seu gado, um dos motivos era a grande quantidade de terras, muitas vezes sem demarcação certa, o que dificultava bastante o serviço dos homens de campo. “A gadaria, não se pode dizer que era alçada: quase toda orelhana, isso sim, Mas vivia-se bem, carne gorda sobrava, e

potrada linda isso era ao cair do laço.” (LOPES NETO, 2008, p. 34). Nesse trecho, a palavra “galaria” refere-se à grande quantidade gado e a palavra “alçada” está significando “sem dono”. Dizer que “não se pode dizer que era alçada” (LOPES NETO, 2008, p. 34) significa que não se pode dizer que não tinham dono, embora a maioria não tivesse marca nem sinal.

Além disso, destaco uma crença muito característica do povo daquele período: a importância que davam ao casamento. No seguinte trecho, Blau Nunes nos conta que o homem em questão se considerava genro de uma das personagens do conto, mas que ele não o era, já que embora tenha concebido uma filha “com a moça da casa” (LOPES NETO, 2008, p. 34) não havia casado com ela perante a Deus.

A menina era filha dele; das velhas uma era a avó da criança, e a outra, irmã dessa, vinha a ser tia-avó. Ele dava-se por genro da velha, mas não era: havia suspenso com a moça da casa, e depois nunca se proporcionou ocasião de padre para fazer-se o casamento, e o tempo foi passando até que a defunta morreu, ficando a inocente nesse paganismo de não ser filha de casal legítimo... por sacramento. Mas davam-se bem, todos. (LOPES NETO, 2008, p. 35)

As crenças e misticismos também ocupam um importante lugar na cultura dos gaúchos. Ainda hoje, os mais antigos, nas campanhas, costumam benzer o gado, benzer a tormenta, benzer gente, se preparar para coisas boas ou ruins seguindo os anúncios e presságios dos animais, como por exemplo: o canto do pássaro conhecido como “Bem-te-vi” à beira das casas significa que logo chegarão visitas, possuir dentro de casa objetos como ferradura em cima da porta para trazer sorte, entre outros. Muitas crenças morreram junto com os mais velhos, outras ainda sobrevivem nas memórias daqueles que aprenderam e tiveram vivências com eles.

Vancê acredita?... Nesta manhã, desde cedo, os pica-paus choraram muito nas tronqueiras do curral e nos palanques... e até furando no oitão da casa;... mais de um cachorro cavoucou o chão, embaixo das carretas;... e a Maria Altina achou no quarto, entre a parede e a cabeceira da cama, uma borboleta preta, das grandes, que ninguém tinha visto entrar... (LOPES NETO, 2008, p. 38)

Hoje em dia, basta se atentar ao noticiário para ver os inúmeros crimes contra mulheres, os quais têm como estopim, na maioria das vezes, sentimentos como: raiva exacerbada, possessão, ciúme, ódio, descontrole. Dessa forma, é possível fazer essa reflexão com alunos do Ensino Básico, e mostrar que o que aconteceu no conto é um crime, tão cruel e brutal como outros tantos que vemos na atualidade. Assim, penso que a partir disso, pode-se trabalhar com os alunos a importância do

respeito, não só para com as mulheres, mas para com qualquer ser humano e qualquer animal. É claro que, além dessas possibilidades de trabalho, o texto jamais poderá passar despercebido em sua riqueza literária, já que traz muita informação cultural que pode ser explorada em sala de aula, como por exemplo, o significado das palavras desconhecidas pelos alunos e a presença da língua espanhola no falar do gaúcho sul-rio-grandense.

4.3 “O boi velho” (p. 55 a 58)

O conto seguinte a ser comentado aqui é “O boi velho”. Essa história se passa em uma estância de propriedade da família Silva. Como dito anteriormente, as carretas eram muito utilizadas antigamente, não só para fins de trabalho, assim como também para fins de passeio. Algum tempo depois, as carretas foram substituídas por carretões, que era uma versão mais leve da verdadeira carreta. Nessa estância, durante o verão, a família usava o carretão para ir até o arroio, lugar onde se banhavam. Para puxar o carretão utilizavam uma “junta de bois” (dois bois). Com o passar do tempo, um deles morreu, e o outro ficou por lá pensando pela morte de seu companheiro.

Logo ao início do conto, existe uma minuciosa descrição de um dos lugares preferidos da família que era o tal arroio onde se banhavam no verão: “O mato aí parecia plantado de propósito: era quase de pura guabiroba e pitanga, araçá e guabiju: no tempo, o chão coalhava-se de fruta: era um regalo! ” (LOPES NETO, 2008, p.55). A descrição desse ambiente, feita por Blau, permite que o leitor se aproxime da história que está sendo contada, imaginando o real paraíso que era essa beira de arroio e a felicidade para todos da família quando se uniam os bois ao carretão para tal passeio. Assim como no conto, os tipos humanos das campanhas tinham e têm por costume cuidar muito bem dos animais e soltá-los para o campo em determinada época do ano, época em que não seria necessário o uso desse animal para determinado serviço, possibilitando assim que o animal descanse e renove suas energias. No conto, esse aspecto está claramente retratado.

Quando entrava o inverno eles eram soltos para o campo, e ganhavam num rincão mui abrigado, que havia por detrás das casas. Às vezes, um que outro dia de sol mais quente, eles apareciam ali por perto, como indagando se havia calor bastante para a gente banhar-se. E mal que os miúdos davam com eles,

saíam a correr e a gritar, numa algazarra de festa para os bichos. — Olha o Dourado! Olha o Cabiúna! Oôch!... oôch!... (LOPES NETO, 2008, p. 56).

Nessa história, o tempo foi passando e veio a nova geração da família: “[...] com o andar do tempo aquelas crianças se tornaram moças e homens feitos, foram-se casando e tendo famílias [...]” (LOPES NETO, 2008, p. 56). Os bois foram ficando velhos, e quando um deles morreu, o outro ficou completamente triste pela morte do companheiro. Sabe-se que o único animal racional é o homem, portanto, como o boi pudera se entristecer pela morte do outro? Essa é uma questão muito curiosa que sempre pairou entre a cultura dos gaúchos. Nas campanhas, acontece, até hoje, muito comumente, que quando se mata algum animal, geralmente animal vacum (gado), os outros vêm cheirar ou mugir à beira daquele que morreu. É muito comum que o resto do gado daquele campo se junte formando um redondel na volta do sangue e dos restos daquele que foi morto e, se não puderem chegar perto, por estarem em outro campo, de lá mesmo eles choram à sua maneira. Foi o que aconteceu com o boi velho do conto.

Um dia, no fim do verão, o Dourado amanheceu morto, mui inchado e duro: tinha sido picado de cobra. Ficou pois solito, o Cabiúna; como era mui companheiro do outro, ali por perto dele andou uns dias pastando, deitando-se, remoendo. Às vezes esticava a cabeça para o morto e soltava um mugido...Cá pra mim o boi velho — uê! tinha caraca grossa nas aspas! — o boi velho berrava de saudades do companheiro e chamava-o, como no outro tempo, para pastarem juntos, para beberem juntos, para juntos puxarem o carretão... — Que vancê pensa!... os animais se entendem... eles trocam língua!... (LOPES NETO, 2008, p. 56)

Essa informação pode parecer um tanto quanto ilógica, mas, de fato, é o que acontece. Para isso, pode existir alguma explicação científica, ou até mesmo se pensar que os animais procuram os restos do outro pelo cheiro, por serem curiosos (o que se sabe que é uma característica do gado), mas o fato é que todo habitante da campanha, em algum momento de sua vida, passa a ser testemunha de um feito como este. Sobre esse assunto, lembro-me dos versos: “Bicho não tem alma, eu sei bem; mas será que vivente tem?” declamados por Odilon Ramos em seu álbum “Poesia Presente” de 1999 e de autoria de Alcy Cheuiche. Com isso, adentro à questão, eu diria, principal, do conto. O boi que ficou vivo, um tempo depois foi morto por um peão da estância, com consentimento dos patrões. A cena desse feito é muito forte e mexe muito com os sentimentos do leitor:

Então um notou a magreza do boi, outro achou que sim; outro disse que ele não aguentava o primeiro minuano de maio; e, conversa vai, conversa vem, [...] já gritaram a um peão, que trouxesse o laço; e veio. À mão no mais o sujeito passou uma volta de meia-cara; o boi cabresteou, como um cachorro... (LOPES NETO, 2008, p. 57)

Após essa descrição, Blau Nunes conta que o peão enterrou a faca bem no coração do boi velho, e este, muito ferido foi-se chegando para o lado do carretão que por ali estava: “[...] encostou o corpo ao comprido no cabeçalho do carretão, e meteu a cabeça, certinho, no lugar da canga, entre os dois canzils... [...] E ajoelhou... e caiu... e morreu ” (LOPES NETO, 2008, p. 58). Assim, com essa forte descrição, o conto se encaminha para o fechamento, e Blau Nunes faz questão de colocar que: “Cuê pucha!... é mesmo bicho mau, o homem!” (LOPES NETO, 2008, p.57). Na descrição que Blau faz sobre onde o boi velho enfiou a cabeça, aparecem os termos “canga” e “canzil”, estes são as partes em que se prende o boi na carreta. A expressão utilizada por Blau, “Cuê pucha” (LOPES NETO, 2008, p. 57) para comentar sobre a maldade do homem, está significando “que horror”, “que coisa feia”; assim como outra expressão muito conhecida e muito utilizada até hoje: “a la pucha”.

Dessa forma, creio ser importante o trabalho e leitura desse conto com alunos de Ensino Básico porque dele é possível extrair algumas reflexões, como por exemplo: a maldade do homem, sua ganância e ambição, as quais, por vezes acabam superando valores maiores como o de respeitar os animais, já que no conto o boi foi morto para que dele se aproveitasse alguma coisa (carne e couro), porém, esqueceram-se da grande valia e estima que, outrora, ele teve para a família.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, primeiramente, foi apresentada a proposta do trabalho, onde pontuei a importância da mesma, em meu ponto de vista não só para o Ensino de Literatura assim como também como colaboração para a manutenção da cultura gaúcha. Também foi realizado um estudo sobre o ensino de Literatura no contexto da formação básica, onde apresentei um pouco das minhas impressões sobre o assunto, as quais partiram de observações que fiz durante meu período de graduação. Acredito que, essas observações foram as que me possibilitaram chegar à questão norteadora para o presente trabalho, pois esses momentos me fizeram refletir muito sobre o papel que a escola possui na vida dos alunos e, conseqüentemente, como seria relevante inserir, de fato, Literatura Regional Sul-Rio-Grandense nesses contextos.

Em um segundo momento, adentrei ao estudo da Literatura Regional, onde discorri, a partir das obras de Regina Zilberman e Lúcia Miguel-Pereira sobre as características desse tipo de literatura, alguns exemplos de obras regionais de outros lugares do país e relevância das mesmas para o acervo literário brasileiro. Após isso, tratei, especificamente, sobre Literatura Regional Sul-Rio-Grandense, na qual se encontra a obra aqui estudada. Nesse tópico, pude discorrer sobre algumas especificidades dessa literatura e logo apresenta-las dentro dos contos selecionados para análise após tratar também, pontualmente, sobre a obra de João Simões Lopes Neto.

Penso que tantos autores e estudiosos renomados tratam sobre os “Contos” que sua relevância é extremamente visível e confirmada. Em meu ponto de vista, basicamente, todos entram em conformidade uns com as ideias dos outros: pontuam a importância do narrador-testemunha, a grande riqueza linguística que traz o texto, e a singularidade e a variedade de elementos culturais da obra como um todo. Os estudos norteadores da teoria proposta colocada no presente trabalho, como dito anteriormente, foram feitos por renomados escritores e estudiosos: quem não conhece, em Literatura, a importantíssima Regina Zilberman? Estudiosa e grande colaboradora para o acervo da teoria literária. Assim como ela, autores como Guilhermino Cesar, José Clemente Pozenato e Cláudia Rejane Dornelles Antunes, os quais discorrem sobre questões pontuais dos “Contos” foram de imensurável importância para este trabalho e para meu crescimento como estudante de Letras,

Língua Portuguesa e Literatura. Dessa forma, afirmo que é possível muito valorizar a obra de João Simões Lopes Neto “Contos Gauchescos”, nos contextos da Literatura Regional e também da Literatura Nacional.

Portanto, como consideração final para o presente trabalho, afirmo que professores de Língua Portuguesa e Literatura podem encontrar, na obra de João Simões Lopes Neto, uma grande oportunidade de leitura significativa para os alunos. Considero que essa obra é completamente passível de estudo para alunos de Ensino Básico e, que para estes, tal estudo seria de grande valia, tanto para um conhecimento linguístico desse “linguajar campeiro” quanto para, um maior conhecimento histórico e cultural sobre o Rio Grande do Sul. Acredito no Ensino de Literatura Gaúcha, acredito em sua relevância e no conhecimento que ela pode transmitir. Acredito também na importância de, antes de olharmos para outras culturas, olharmos para a nossa, que é tão rica e admirável, porém, muitas vezes esquecida. Por isso a importância de levá-la às escolas, de apresentá-la aos alunos e trabalhar com ela a imensidão de possibilidades que uma obra como os “Contos” apresenta aos professores.

REFERÊNCIAS

- BATELLA GOTLIB, Nádia. **Teoria do conto**. 11ª ed. São Paulo: Ática, 2006.
- BRAUN CAETANO, Jayme. **Potreiro de Guachos**. Editora Sulina, 1981.
- CÉSAR, Guilhermino. **Notícia do Rio Grande: literatura**. 1ª ed. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro / Editora da Universidade / UFRGS, 1994.
- CLEMENTE POZENATO, José. **O regional e o universal na Literatura Gaúcha**. Porto Alegre: Editora Movimento, 1974.
- DORNELLES ANTUNES, Cláudia Rejane. **A poética do conto de Simões Lopes Neto: o exemplo de “O negro Bonifácio”**. 1ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- LOPES NETO, João Simões. **Contos Gauchescos**. 1ª ed. Pelotas: Echenique & C. Editores, 1912.
- LOPES NETO, João Simões. **Contos Gauchescos & Lendas do Sul**. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- MORAES, Carlos Dante de. **Figuras e ciclos da história rio-grandense**. 1ª ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1959.
- MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. **Prosa e ficção: de 1870 a 1920**. 3ª ed. Rio de Janeiro: J Olympio, 1973.
- SARAIVA, António José; LOPES, Oscar. **História da Literatura Portuguesa**. Porto: Porto Editora, s/d.
- VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler: formando leitores para a vida inteira**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.
- ZILBERMANN, Regina. **A literatura no Rio Grande do Sul**. 2ª ed., Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- ZILBERMANN, Regina. **Roteiro de uma Literatura Singular**. 1ª ed. Porto Alegre: Ed. Da Universidade / UFRGS, 1992.
- Referências Virtuais:
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em:
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit_e.pdf
- MENDES, Maria Lúcia Dias. **No limiar da história e da memória: um estudo de *Mes mémoires*, de Alexandre Dumas**. 2007. Tese (Doutorado em Letras Modernas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de

São Paulo, São Paulo. Disponível em:

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-01112007-143905/pt-br.php>

João Simões Lopes Neto. Pelotas: Revista do Curso de Letras da Universidade Federal de Pelotas, 2003. Disponível em:

<https://wp.ufpel.edu.br/cadernodeletras/files/2014/05/Caderno-de-Letras-9.pdf>

SOUSA PINTO NETO, Heloísa. **João Simões Lopes Neto, um intelectual periférico.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. Disponível em:

[file:///C:/Users/Eduarda/Downloads/19011-Texto%20do%20artigo-75565-1-10-20141017%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Eduarda/Downloads/19011-Texto%20do%20artigo-75565-1-10-20141017%20(1).pdf)

FAÉ, Geneviève. **Regionalidade em Simões Lopes Neto: Fortuna crítica.** Vitória: Revista eletrônica de Estudos Literários, 2011. Disponível em:

<http://periodicos.ufes.br/reel/article/download/3691/2920>